

# Schneider, Sylk. Viagem de Goethe ao Brasil. Uma jornada imaginária

Schneider, Sylk. Goethe's travel to Brazil. An imaginary journey

<http://dx.doi.org/10.11606/1982-88372650144>

Rafael Rocca dos Santos<sup>1</sup>

Resenha de: *Schneider, Sylk. Viagem de Goethe ao Brasil. Uma jornada imaginária*. Tradução de Daniel Martineschen. Porto Alegre: Editora Nave, 2022.

O fato de Johann Wolfgang von Goethe ser exímio poeta, dramaturgo e romancista é algo amplamente conhecido no Brasil graças às múltiplas traduções de sua obra ficcional desde o século XIX e, com maior intensidade, a partir do século XX, estendendo-se até os dias de hoje. No entanto, os interesses de pesquisa e de estudo de Goethe abrangiam uma gama muito mais ampla de áreas do saber. Essas áreas incluíam desde astronomia (e astrologia, como o indica o início de seu *Poesia e verdade*) até mineralogia (há, inclusive, um minério com seu nome, a goethita, cujo exemplar pode ser observado no Museu de Geociências da USP) e o estudo das cores, das suas relações entre si e, de maneira instigante, entre elas e a subjetividade do indivíduo. Outras atividades podem ser arroladas entre as muitas que Goethe praticou, tais como a de teórico de teatro, crítico de literatura e história, com influência marcante na geopolítica de algumas regiões, memorialista e um prolífico escritor de cartas, entre as quais se encontram alguns dos mais belos e importantes exemplares do gênero contendo reflexões profundas sobre a vida em quase todos os seus aspectos.

---

<sup>1</sup> The Ohio State University, Spanish and Portuguese, 1775 College Rd. S, Columbus, Ohio, 43210-1132, United States. E-mail: rafaelrocca@gmail.com. ORCID: 0000-0003-3783-1302.



Menos conhecido no Brasil foi seu ingente interesse por ciências da natureza, especialmente a botânica. Goethe sentia um verdadeiro fascínio pelo mundo das plantas e se esforçava em conhecer, em mínimos detalhes, características de exemplares próximos ao seu convívio (um exemplo são os efeitos para o corpo e a mente do ginkgo biloba, cuja árvore está hoje plantada na praça defronte a sua casa em Weimar) e outros que cresciam em terras longínquas, como no Oriente e nas Américas. A importância que Goethe atribuía ao conhecimento da natureza não transparece somente nos escritos científicos sobre o tema (por exemplo, no tratado *A metamorfose das plantas*), mas também em passagens de seus textos ficcionais, como na obra máxima *Fausto*, por exemplo na “Noite de Valpúrgis Clássica” (aqui em perspectiva mito-poética), na qual se discutem o netunismo e o vulcanismo, duas teorias sobre a origem da vida, a primeira a partir do oceano e a segunda a partir da terra, ou no episódio conhecido como o de Filemon e Baucis, enfocado extensamente por Marcus Vinicius Mazzari em seu *A dupla noite das tílias*, obra crítica que traça a presença da natureza no drama goethiano.

O círculo de estudiosos cultos em Weimar, sob a chancela e o mecenato direto do grão-duque Carl August von Sachsen-Weimar-Eisenach, propiciou um ambiente favorável para o desenvolvimento de pesquisas que buscavam ampliar as fronteiras do conhecimento do mundo pelo interesse na “descoberta” de lugares longínquos. Entre esses lugares, o Brasil despontava como uma grande *terra incognita* para os europeus e veio a atizar intensamente o interesse de Goethe durante a última parte de sua vida.

No entanto, a notícia do fascínio de Goethe pelo Brasil, embora já conhecida entre os acadêmicos e os interessados pelo grande poeta, carecia de um aprofundamento sistemático e de documentação que permitissem um olhar mais detido aos motivos do interesse do escritor pelo Brasil. É essa lacuna que o livro de Sylk Schneider, *Viagem de Goethe ao Brasil*, vem felizmente preencher.

Sylk Schneider é um pesquisador alemão radicado em Weimar que se interessou pelo Brasil já na época de seus estudos de pós-graduação, quando passou uma estadia em Pernambuco. Desde então, as relações da Alemanha com o Brasil se tornaram objeto constante de pesquisa, o que o levou a dedicar artigos e palestras, tanto na Alemanha quanto no Brasil, sobre diferentes aspectos culturais dos dois países. Em 2008, porém, concentrou esforços em suas relações culturais e científicas e publicou, em alemão, *Goethes Reise nach Brasilien. Gedankenreise eines Genies*. Schneider dedicou-se, nessa

obra, a aprofundar o exame das relações intelectuais do maior poeta alemão com os viajantes e os intelectuais que também se interessavam por marcar presença nas terras do Novo Mundo. Uma obra importante para a história brasileira como essa merecia uma tradução para o português, e ela foi finalmente encampada pela editora Nave, de Porto Alegre, e levada a cabo pelas mãos do experimentado tradutor Daniel Martineschen, cuja transposição do *Divã Ocidentto-Oriental* de Goethe em 2020 lhe rendeu o prêmio Jabuti de tradução. Em relação à tradução da obra de Schneider, merece destaque a fluidez do texto em português e a bela transcrição dos poemas de Goethe apresentados no livro, com notável atenção ao ritmo das canções e da elegia goethianas.

Para a edição brasileira, Schneider remodelou o texto original, acrescentando informações que não constavam na edição alemã do trabalho. Além disso, realizou intensa pesquisa iconográfica na Biblioteca Anna Amalia, importantíssimo centro de literatura sobre o Brasil na época de Goethe. A biblioteca contém em seu acervo obras raríssimas de viajantes alemães (e de outras nacionalidades, como inglesa e francesa) cujas iconografias tanto fascinaram o grão-duque e Goethe. Outra fonte de informações, não menos relevante, era a biblioteca pessoal do poeta, consultada como um ponto de apoio para saber quais assuntos brasileiros o interessavam em particular.

O estudo constrói inicialmente uma sequência semicronológica que mapeia o interesse de Goethe pelo Brasil, sequência essa que se dilui em um complicado labirinto de trocas de cartas e de contatos com diversos intelectuais e exploradores alemães. De fato, traçar essa enorme rede é tarefa hercúlea, pois a amplitude dos interesses do poeta faz com que assuntos se misturem nas incontáveis cartas trocadas com cientistas alemães a ele coetâneos. Embora não indicado explicitamente, Schneider busca compartimentar temas amplos, como viagens, mineralogia, botânica e, ao final, até mesmo relações amorosas do poeta e suas possíveis ligações com o Brasil. Embora pareça difícil acompanhar os múltiplos nomes citados no correr do texto, as elucidativas notas de rodapé situam os personagens no contexto específico das respectivas narrativas. Isso significa que, para além de enfatizar o interesse específico de Goethe, o volume se torna uma fonte de informações ainda mais ampla sobre as relações entre a Alemanha e o Brasil. As notas, ao indicarem outros nomes e outras relações do poeta, portanto, permitem dar ensejo a pesquisas mais aprofundadas sobre outros temas que podem ter ligações diretas e indiretas com o Brasil.

Schneider, seguindo outros autores, marca a leitura de Montaigne, especificamente do capítulo 16 de seus *Ensaíos*, como um dos primeiros contatos textuais de Goethe com o Brasil. O assunto dos canibais, também presente em Hans Staden, que o poeta lera, levou à composição de dois poemas em 1782 sobre a população originária brasileira (pp. 21 e 27). Transparece neles uma visão de uma natureza exótica, a qual se alterará pelos estudos posteriores, porém que era a perspectiva corrente na Europa à época, ou seja, uma visão das terras sul-americanas como selvagens, inóspitas, violentas, e no entanto atraentes pelo seu exotismo. Posteriormente, a leitura de escritos sobre o Brasil comentados à luz de salões de estudo incentivados por mulheres da corte aprofunda e modifica essa visão, embora, como Schneider afirma, os primeiros relatos sobre o Brasil deviam ser lidos *cum grano salis* devido a exageros e deformações dos dados neles apresentados (p. 22). Três anos após a composição dos “poemas brasileiros”, em 1785, Goethe inicia seus estudos de botânica.

Ancorando o texto nessa data, Schneider dedicará grande parte do livro às concepções goethianas sobre a natureza das plantas que vicejam no Brasil. O autor chama esse segundo momento do anseio de Goethe pelo que está distante como a “segunda descoberta” da América do Sul (p. 31). Aqui, Schneider introduz a profícua e sumamente interessante relação com Alexander von Humboldt, viajante incansável e um dos mais importantes naturalistas do século XIX. Embora o explorador nunca tenha estado no Brasil (sua entrada no país não fora franqueada porque se imaginava que era um espião), a relação de Goethe com ele transparece na grande admiração nutrida devido ao ampliamiento das fronteiras do conhecimento pela exploração de novos mundos, relação essa que se manterá até a morte do poeta. “Passear em espírito pela floresta tropical” (p. 33) é o que moverá Goethe durante décadas e pode ser o corolário da narrativa contada por Schneider.

O estabelecimento da corte portuguesa no Brasil a partir de 1808 e a consequente abertura dos portos às nações do mundo representam um ponto de viragem nas relações do país com o continente europeu. Mais cientistas, pesquisadores e exploradores viajarão ao Brasil e trarão notícias da nova e promissora “terra exótica”, cuja natureza exuberante dá espaço para novas possibilidades exploratórias no campo das ciências naturais e da medicina. Goethe entrou em contato com alguns desses intelectuais por meio da leitura de seus relatos; incluem-se aí John Mawe e, especialmente, Wilhelm Ludwig von Eschwege (p. 39). Schneider se atentará à troca de ideias com este personagem, cujo

trabalho sobre mineralogia tanto interessou Goethe. Comissionado pelo grão-duque, o poeta cuida da coleção particular de minerais do monarca e, com isso, aproveita para encomendar textos e exemplares que o levariam a aprofundar seus conhecimentos não só sobre as pedras brasileiras, mas também sobre a sua flora. As explorações de Eschwege resultaram em um volume impresso em Weimar pelo editor Bertuch, o qual, em grande parte a pedido do grão-duque, publicava e traduzia obras sobre o Brasil. Schneider ressalta o papel – na sua maioria desconhecido – desse editor na disponibilização de material científico sobre as Américas, notadamente sobre a América do Sul. Às páginas 54 e 55, o autor fornece uma tabela comparativa e dados expressivos acerca da publicação de textos sobre o Brasil na Alemanha, enfatizando o papel da pequena cidade de Weimar e daquele editor nas discussões de cunho científico travadas entre os anos de 1800 a 1832, data do falecimento de Goethe.

Schneider então aprofunda a relação dos contatos com “brasilianistas” ao introduzir a importante figura do príncipe Maximilian Wied-Neuwied (p. 57). Esse conhecimento ocorre paralelamente ao contato com Humboldt e às primeiras publicações de livros sobre a flora e a mineralogia brasileiras. Com Wied-Neuwied, o interesse de Goethe é renovado e ampliado, a se ver pelas “frequentes menções” do poeta ao trabalho do príncipe (p. 60). O período de contato com ele coincide também com as notícias sobre a independência do Brasil e as novas relações com os países europeus. Schneider aqui inventaria o que se conhece a respeito da posição de Goethe frente ao nascente Estado brasileiro e introduz brevemente um novo personagem que será muito relevante para as pesquisas do poeta sobre o Brasil: Karl-Philip von Martius (p. 78), ao qual o autor dedicará uma seção específica (p. 89 e ss.).

A relação que Goethe trava pessoalmente e de forma epistolar com Martius se insere em um contexto mais amplo de relações internacionais entre o ducado de Weimar e a corte austríaca, tendo em vista as novas ligações familiares entre a família Habsburga e o Brasil por meio de casamentos. Devido ao interesse da princesa Leopoldina por ciências naturais e a suas conexões com a Europa, uma expedição é organizada ao Brasil e, nela, além de Martius, segue outro nome que merece destaque: Johann Baptist Emanuel Pohl (p. 85).

Segundo Schneider, Pohl é autor de uma das obras mais impressionantes sobre a flora brasileira (p. 86). Comissionado naquela expedição, produziu, por subscrição, uma obra em oito volumes contendo descrições da flora e um conjunto iconográfico de mais

de 200 litografias cujo valor artístico Goethe considera ímpar no contexto de obras até então existentes sobre botânica. A importância de Pohl aumenta ao assumir a direção do Museu Brasileiro em Viena, curando em especial as coleções sobre a flora e a mineralogia brasileiras. Schneider liga a obra de Pohl à de Martius, cujas gravuras sobre palmeiras retomaram um interesse já antigo de Goethe por essas plantas, observadas por ele durante sua viagem à Itália cerca de quarenta anos antes.

A importância do interesse de Goethe sobre o Brasil pode ser exemplificada na nomenclatura de duas espécies de malva encontradas no país (p. 109). Trata-se do gênero *Goethea*, cujas espécies levam o nome do poeta, assim como anteriormente o levava o minério. Schneider dá especial atenção a esse fato, que, de alguma maneira, coroa o fascínio do poeta pelas terras brasileiras.

O livro termina em uma nota leve, tratando de uma relação amorosa vivenciada por Goethe, já no fim de sua vida, e que deu ensejo a um dos maiores poemas do século XIX, a “Elegia de Marienbad”, traduzida na íntegra no volume.

Dois fatores do livro de Sylk Schneider lhe garantem um espaço de proeminência no âmbito dos estudos goethianos no Brasil. Em primeiro lugar, a extensa pesquisa de fontes arquivísticas: cartas, relatos, conversas e depoimentos não só são mencionados no corpo do texto mas também traduzidos e transcritos nos trechos que interessam ao tema do livro. Esse material, riquíssimo, é de difícil acesso no Brasil, tanto porque alguns documentos só existem no Arquivo Goethe e Schiller em Weimar quanto, no tocante às fontes impressas, como a edição das obras completas (e críticas) de Goethe e os volumes de correspondência trocada com os outros cientistas mencionados, estão em sua maioria ausentes das bibliotecas em território brasileiro. Além disso, navegar por entre esse imenso oceano de cartas que Goethe escreveu durante a sua vida foi uma tarefa sobre a qual Schneider se debruçou intensamente, como o demonstram as múltiplas coletâneas de correspondência consultadas. Acrescente-se a isso a tradução dos poemas de Goethe que ou mencionam o Brasil ou estão relacionados a ele (por exemplo, às páginas 21, 27 e 119-125).

O segundo fator de grande relevância do livro é a sua seção de iconografia. Entre as páginas 129 e 223 são estampadas a cores dezenas de ilustrações colhidas nos volumes consultados por Goethe durante os seus estudos sobre o Brasil. Algumas dessas gravuras são impressas pela primeira vez no volume de Schneider e são de difícil acesso, tais como

as gravuras de Pohl, cujos volumes só podem ser acessados presencialmente na Biblioteca Anna Amalia em Weimar. Além da seção dedicada especificamente à iconografia, todo o corpo do texto é fartamente ilustrado com figuras, as quais auxiliam a orientação do leitor menos familiarizado com o tema e com os personagens citados. A seleção das gravuras foi feita de maneira criteriosa para ser incluída no espaço dedicado a elas no volume; no entanto, em comunicação pessoal, Schneider dá notícia de que uma coleção completa das gravuras “poderia facilmente preencher mais de dez volumes”. Cabe o apelo para os editores brasileiros organizarem uma edição com gravuras comentadas, ampliando assim o acesso a um material raro e de extrema relevância para a História do Brasil e suas relações com outras sociedades europeias, por exemplo os estudos conduzidos pelo imperador D. Pedro II, que conhecia pelo menos a obra literária de Goethe, senão a científica, já que era correspondente de Charles Darwin e este cita o poeta na introdução de sua obra mais importante, *A origem das espécies*.

Vale ressaltar o prefácio assinado por Berthold Zilly, tradutor de, entre outros, Euclides da Cunha, Lima Barreto e Raduan Nassar ao alemão, que desenvolve a ideia da proximidade de Goethe com a natureza sendo similar àquela que o sertanejo tem com o sertão, uma relação de simbiose surgida da identificação do indivíduo com o ambiente. Ao final do volume, após as gravuras, os anexos trazem informações tabuladas sobre a “biblioteca brasileira” de Goethe, as encomendas ao livreiro inglês de obras sobre temas brasileiros, empréstimos junto à biblioteca ducal de Weimar, a lista de obras sobre o Brasil publicadas pelo editor Bertuch, uma importante listagem preliminar de todas as instâncias em que o Brasil é mencionado na obra goethiana e, por fim, o inventário dos itens brasileiros (arte e minérios) que fizeram parte da coleção particular de Goethe.

De leitura agradável e em grande grau instigante, o livro de Schneider, sendo uma excelente introdução ao interesse do mundo pelo Brasil, encontrará certamente uma posição relevante em meio aos estudos goethianos brasileiros como estimulante fonte de informações e indicações para futuras pesquisas que tenham por objetivo elucidar com mais profundidade o interesse europeu, e especificamente o alemão, pela natureza, história e a cultura de nosso país.

## Referências

- GOETHE, Johann Wolfgang v. *Divã Ocidento-Oriental*. Trad. Daniel Martineschen. São Paulo: Estação Liberdade, 2020.
- MAZZARI, Marcus Vinicius. *A dupla noite das tílias*. São Paulo: Editora 34, 2019.
- SCHNEIDER, Sylk. *Goethes Reise nach Brasilien. Gedankenreise eines Genies*. Weimar: wtv, 2008.
- SCHNEIDER, Sylk. *Viagem de Goethe ao Brasil. Uma jornada imaginária*. Trad. Daniel Martineschen. Porto Alegre: Editora Nave, 2022.

*Recebido em 28 de fevereiro de 2023*

*Aceito em 09 de março de 2023*